

Uma experiência escutista no frio da Dinamarca

FRANCISCA BRAGA
(NOVIÇA A DIRIGENTE DO CNE)

Sensivelmente há um ano atrás surgiu a oportunidade de realizar um mestrado em Aalborg, na Dinamarca. Aceitei, sem hesitar, apesar de pouco saber o que me esperava. Em agosto de 2018 parti rumo à aventura de viver e estudar, pelo menos durante 2 anos, na Dinamarca. Mal pisso terras nórdicas, a primeira coisa que faço, e depois de alguma pesquisa feita em Portugal, foi dirigir-me aos escuteiros marítimos locais para ver se podia integrar o agrupamento deles, e voilá, passado 10 meses, pertenço ao grupo de escuteiros Aalborg Søspejdere sendo leader da secção Troppen, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Sempre vivi rodeada de escuteiros na minha família, por isso, foi com grande naturalidade que, com cerca de 5



anos, entrei para o Agrupamento 2 de S. José de S. Lazaro, Braga. Fiz todo o percurso até aos caminheiros e depois da minha Partida ingressei na equipa da animação dos pioneiros. Sempre vivi intensamente o escutis-

mo e todos os valores que nos foram ensinados, por isso, partindo para o desconhecido fazia todo o sentido, para mim, ingressar também nos escuteiros da minha nova “casa”. Foi com um misto de ansie-

dade, surpresa e alegria que pisei pela primeira vez a sede dos escuteiros (aqui chamam estação) e, qual não foi o meu espanto, quando no primeiro dia já estava pronta a velejar com os chefes e os mais pequenos. Tenho

de admitir que tive receio de como ia ser recebida, a barreira linguística não era fácil de superar e diferenças culturais poderiam causar algum entrave, mas fiquei muito empolgada por perceber que tudo isso era ultrapassado por sermos todos escuteiros e todos com os mesmos valores. O início foi desafiador, os “miúdos” eram tímidos e tinham um pouco de vergonha de falar comigo, mas bastou uma mão cheia de reuniões para me tornar uma companheira, amiga, exemplo a seguir e confidente. Pertencendo a este fantástico grupo deu-me a possibilidade de fazer atividades diferentes do habitual, como velejar, aprender toda a dinâmica do grupo e como funciona o sistema de patrulhas dentro do barco. Há tantas coisas diferentes comparativamente com a maneira como se vi-

ve o escutismo em Portugal, mas é algo que levo sempre para a vida como modo de aprendizagem. Já fiz coisas fantásticas, como passar uma noite num barco, guerra de balões de água no meio do rio, fazer um hammock (uma rede para dormir) dentro da marina e tantas outras que estão planeadas. É sem dúvida uma experiência muito gratificante e sei que foi preciso muita coragem, mas só lhes tenho a agradecer por me sentir em casa e fazer parte da família. Tal como Baden-Powell sempre sonhou, todos os escuteiros são irmãos e do outro lado da Europa encontrei isso mesmo. Mesmo estando longe os “meus escuteiros” estarão sempre no coração e continuo a pertencer e ser responsável por muitas atividades em Portugal, por isso é sempre bom reviver os momentos quando se visita o nosso país.

V Camporee do Núcleo de Braga do CNE – Agosto de 1967

CUSTÓDIO BARROS
(DIRIGENTE DO CNE)

Com a participação de uma centena de elementos da II Secção (Exploradores) do Corpo Nacional de Escutas, o V Camporee do Núcleo de Braga, teve lugar entre os dias 12 e 15 de agosto do ano de 1967, na mata da Quinta de S. Brás da Torre, em Figueiredo – concelho de Braga. Os participantes eram oriundos não só do concelho de Braga, como também do concelho de Vieira do Minho. Nesse mesmo Camporee, estiveram presentes elementos dos agrupamentos de Dume, S. Julião de Passos, Aveleda, Gualtar, Ferreiros e Caniçada. O local para o acampamento reunia todas as condições necessárias para o sucesso, era excelente. Foi

gentilmente cedido pela sua proprietária, D. Maria Rita de Magalhães Queirós, de Viana do Castelo. O programa tinha início no dia 12, à tardinha. À medida que os participantes iam chegando, procediam à montagem do seu campo. Uns esmeravam-se nas construções escutistas, outros eram mais ligeiros e simples. O jantar seria à hora que cada Agrupamento entendesse, desde que o silêncio tivesse início às 23 horas. No dia 13, a alvorada deu-se às 7,30h. Seguiu-se um período de ginástica, depois higiene pessoal, pequeno almoço e atividades por patrulhas até à hora de preparar o almoço. As atividades recomeçaram, novamente, às 16 horas. Pelas 18,30h foi a recepção aos representantes da Imprensa, seguida de visita



ao campo e jantar regional em honra dos mesmos. O Fogo de Conselho iniciou-se pelas 21,30h e foi dedicado a todos os acampados e visitantes, tendo-se verificado boa participação dos exploradores e dirigentes. Num dos números apre-

sentados por uma patrulha no Fogo de Conselho, foi anunciado a visita ao campo de um Bispo que iria saudar a todos. Fez-se de imediato silêncio absoluto. O Sr. Bispo entrou no espaço e pôs-se a caminhar entre a fogueira e a assistência. Andando

em volta da fogueira, fazia os gestos a saudar os presentes. Todos olhavam para descobrir quem seria o dirigente. Então, ouviu-se a voz de um escuteiro explorador “é o sr. Bispo de esparguete”. Foi a risada geral. A razão para esta espontaneidade do

jovem escuteiro deveu-se ao facto de a mitra, usada pelo Sr. Bispo, ter sido feita com uma embalagem de esparguete de 5kg. O Sr. Bispo era, obviamente, um dirigente, também ele a representar. O Chefe António, do agrupamento de Ferreiros, a partir de então, onde quer que fosse, era conhecido pelo “Bispo de esparguete”. E assim foi durante muitos anos. O V Camporee do Núcleo de Braga terminou no dia 15, com a Festa de Campo dedicada aos pais dos escuteiros e visitantes. Este Camporee foi organizado e dirigido por uma equipa de jovens dirigentes do Núcleo de Braga e candidatos ao Curso da Insignia de Madeira. Como se esperava, todo ele atingiu um nível bastante elevado de entusiasmo e bom nível escutista.